

Billing Billing Berreira

UMA VIDA NO PALCO

Coordenador: Nilson Raman

2ª edição atualizada Rio de Janeiro Setembro de 2019

Raman Entretenimentos



Copyright © 2019 de Raman Entretenimentos Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido sob quaisquer meios existentes sem autorização expressa, por escrito, do editor

Primeira edição, 2003, em português Edição especial, 2013, em inglês Segunda Edição, 2019, em português

ISBN 978-65-80934-00-3

Edição de textos e produção editorial: Maria Alice Silvério

Produção executiva: Cleusa Amaral

Pesquisa de fotos e textos: Maria Alice Silvério e Cleusa Amaral

Pesquisa de fotos da 1ª edição: Maria Alice Silvério, Gilson Gomes e Junior Amaro

Consultoria editorial 1ª edição: Edinha Diniz
Preparação de originais e revisão: Furio Lonza
Projeto gráfico e editoração: Hannah 23

Tratamento de fotos: Marcos Corrêa (1ª edição)

Sandro Bezerra Viana, Suzane Nahas e Hannah23 (2ª edição)

Foto da capa: William Aguiar Coordenação Editorial: Nilson Raman



Direitos exclusivos desta edição

Raman Entretenimentos

www.raman.pt



Apresentação

Senhoras e Senhores, sejam bem-vindos!

Este livro é um convite para um passeio pelos palcos e pelos bastidores, pela vida e pela carreira de uma atriz única. A nossa Bibi Ferreira. Uma artista incomparável, de um talento arrebatador. Que força esta mulher tinha em cena!!! Uma artista do aplauso. De muito aplauso, sempre. E eu fui testemunha disso durante muitos e muitos anos. Bibi me fez entender o quanto é mágica a carreira de um artista, a responsabilidade ao saber que interfere na vida de tantas pessoas. Que faz bem a tanta gente. Os artistas são inspiradores, são catalisadores de emoções, que marcam de forma especial a vida de muitas pessoas, do público. E é uma relação tão próxima que podem dizer, do seu público. Bibi dizia que no palco se sentia intocável, sabia que não seria interrompida. Era um momento só dela, uma comunhão palco e plateia. E, através dele, o público, era como se encontrasse com Deus.

Bibi era uma mulher simples, bem-humorada. Religiosa. Revolucionária. Às vezes silenciosa, às vezes gostava de uma boa conversa. Amiga. Querida por muitas pessoas. Era comum ouvi-la falar: "Menos é mais!!", "Deixa o fácil para os outros" (principalmente para os maestros), "Neideeee!!!!", "O crime compensa?" (sempre que eu ligava para falar de uma consulta de uma apresentação), "Se tiver feijoada, já sabe!!!", "Se achar um cachorro-quente na esquina, traz para mim. E não esquece o catchup e a mostarda", embora - para Bibi beliscar – eram sempre bem-vindas as coxinhas, empadinhas e croquetes. Coca-cola quase sempre, anos e anos. Às vezes pedia Guaraná. Tudo sem gelo. Gostava de chá preto. Se ia cantar suspendia o leite e não lavava o cabelo alguns dias. "Cabelo bom, é cabelo sujo!!", dizia. Penso que é similar ao que chamam hoje de "no-poo".

Depois que saía do seu camarim em direção ao palco, ninguém, ninguém, mas ninguém mesmo, podia esbarrar no seu cabelo. Um simples tocar de alguém sem querer, ou uma cortina que encostasse, corria o risco de ter que voltar ao camarim apenas para ela se olhar no espelho. Antes de entrar, sempre falava do frio na barriga e tomava café com manteiga, para lubrificar a garganta. Falava que o Caruso fazia assim. "Bibi, tantos anos de palco e você ainda fica nervosa antes de entrar?!? Meu filho, no dia que eu não ficar nervosa, não me deixe entrar. Perdi o juízo!!!! Para mim é sempre uma estreia!!!"

Mas o palco era a vida da Bibi. A sua vaidade e a sua verdade. No palco existia a Bibi, vivia a Bibi. Lá era a Bibi. Após uma apresentação, fazia questão de agradecer a todas as pessoas que haviam trabalhado naquela noite. Não gostava de passar pelo palco após o show, quando já estava sendo desmontado. Evitava olhar, achava triste.

Embora tenha começado a mostrar seu talento de forma sorrateira, de uma brincadeira, aos três anos de idade, imitando a grande estrela da companhia de revistas que a mãe – Dona Aída – trabalhava, só se sentiu atriz e profissional quando foi lançada pelo pai, o mítico ator Procópio Ferreira, em 1941, no Teatro Serrador, no Rio de Janeiro. Até então, já havia feito alguns trabalhos artísticos, como a participação no coral infantil das óperas e no corpo de baile do Theatro Municipal do Rio, cantado na Rádio Ipanema, feito cinema, desenhado cenários e figurinos e composto algumas composições para o piano, mas esse tempo ela não contava como profissional.

Atriz, cantora, compositora, diretora, iluminadora, de uma cultura impressionante. Dominava vários idiomas, embora sempre brincasse que mal falava o português, como de fato deveria ser falado uma língua tão linda. Brasileiríssima. Sabia muita coisa de cor, e assim como o pai, gostava de interpretar pequenos monólogos para os amigos próximos. Prezava pela boa dicção. Não gostava de ler ou "recitar" poesia, achava tudo muito óbvio: "O público já sabe como vai acabar uma poesia!!!" dizia nos bastidores.

Adorava pessoas inteligentes, engraçadas, que exibissem tranquilidade. Não nutria simpatia por pessoas espalhafatosas, que falassem alto (fora do palco), não gostava de fofoca, de falar dos outros. Apreciava os homens bonitos, em especial os fardados. Seu tempo era precioso. Poupava muito a sua voz. Só falava se necessário. Apreciava o silêncio. Enquanto conseguia enxergar o suficiente para ler, lia muito. Eram livros e livros por semana. Adorava o John Grisham e tive o prazer de apresentar a ela os livros do Eduardo Bueno. Logo devorou todos. Às vezes atravessava uma noite inteira lendo. Quando era uma comédia, falava que a culpa por não ter dormido era do autor, porque a tinha feito rir muito e tirado o diafragma do lugar.

E foram 77 anos de carreira, ininterrupta. Protagonista absoluta da sua cena. Não conheceu a palavra "coadjuvante". Ao ser lançada, virou estrela. Era uma Diva, na real e verdadeira essência desta palavra. Lembro, quando comecei a trabalhar com ela, meu primeiro ofício foi como *tour manager* de uma excursão no Nordeste em 90/91. Para mim foi muito marcante, impactante mesmo, pois só entendi o seu tamanho, de fato, na prática. São muitas as histórias, como em Natal, ao chegar no Teatro Alberto Maranhão, e encontrar uma placa em sua homenagem. Num lugar reservado e especial do teatro, ao lado de Bidu Sayão e Villa Lobos, dizia: "À Bibi Ferreira, a maior atriz desse país, homenagem do Governo do Estado do Rio Grande do Norte", e o ano que datava era 1955. Logo fiz as contas. Aos 33 anos incompletos, Bibi já era reconhecida e comemorada em todo o Brasil como a maior atriz do País. Me perguntava, como podia ser? Aos 33, num Brasil que mal se falava, ela já viajava e já conquistava as plateias. Já sabiam que ela era a maior?!?! E assim foram todos os anos em que a acompanhei. Conquistando plateias e mais plateias. Lotando casas. Vi Bibi tocar no coração de muitas pessoas. Inúmeras. E ela sempre muito simples, gentil e querida.

Nesses anos todos de trabalho, foram muitos os desafios propostos, e foram muitas as conquistas alcançadas. Os palcos do Brasil já eram seu quintal, sua casa. E estávamos sempre em turnê. Então fomos para o mundo. Paris cantando Piaf, Portugal cantando Amália. Buenos Aires cantando Gardel. E Nova Iorque cantando Sinatra. Fomos três vezes à NY, todas após os seus 90 anos. Cada vez com um público maior, mais diverso. Foi lá, na segunda noite de apresentação no Symphony Space que Bibi me disse ter recebido a maior ovação da sua vida, após cantar *Old Man River*. Em todos os lugares que passamos, as críticas e resenhas à sua apresentação foram gigantescas, e falavam da sua força, sua plenitude, seu vigor e de seu raro talento. Bibi, literalmente, arrebatava as plateias por onde passava.

Se não fosse um texto de abertura para esta fotobiografia, poderia escrever páginas e mais páginas dessa mulher extraordinária, que tive a chance de conhecer, de estar tão perto, de ser seu amigo, seu confidente, seu empresário e seu produtor, além de Mestre de Cerimônias nos seus espetáculos por mais de 20 anos. Penso comigo: Meu Deus, muito obrigado, que luxo!! Como fui privilegiado!!

Tenhamos muito orgulho da história desta incrível brasileira e divirtam-se nessas quase 300 páginas. Passeiem por uma das carreiras de maior tradição e das mais sólidas da história das nossas artes.

Agradeço a todos vocês que estão com este livro nas mãos.

Bibi, a você o meu permanente muito obrigado por tudo que você me proporcionou, por tudo que você me permitiu fazer. Você me fez sentir maior do que eu era, e acima de tudo agradeço pela confiança e generosidade nesses tantos anos. Meu amor sempre, e para sempre!